

Marco Aurélio

por *Yuri V. Santos*

“Papai, por que meu nome é um nome brasileiro?”, perguntou Marco Aurélio.

“Seu nome não é brasileiro. É romano. Foi o nome de um imperador romano.”

“Aaaah...”

Foi a primeira vez que Marco Aurélio sentiu que seu destino seria glorioso. Tinha três anos de idade e havia recentemente se mudado, com os pais adotivos, para o Brasil. Era marroquino. Mas a mãe era canadense e o pai alemão. A globalização em termos domésticos.

Aos quatro anos, quando transformou um forno de microondas estragado num secador de cabelo, Marco Aurélio tornou notória a inclinação de seu gênio pelo campo da tecnologia. Tornou-se, no colégio, um renomado c.d.f. Durante as provas de física e matemática, metade dos colegas sentava-se atrás de sua carteira. Para colar. Os demais eram pisoteados na tentativa de uma maior aproximação.

“Marco Aurélio, por que você está deitado sobre a prova?”, perguntava a professora.

“Não dou cola! Não dou cola!”, ele berrava.

Quase não saía na rua. Não tinha amigos. Sua única distração eram os computadores e os vídeo-games. Uma vez, aos treze anos, conseguiu interligar um Atari, um Telejogo e um Mega Drive. Conseguiu, assim, colocar o Pac-Man pra jogar tênis com os lutadores do Street Fighter. De tão recluso, permaneceu virgem até os vinte e oito anos, quando arranhou um encontro com uma garota de doze anos que conhecera num chat da internet.

“Marco Aurélio, é você que tem que usar essa camisinha.”

“Ah...”

Ainda aos dezesseis anos, quando terminou o segundo grau, conseguiu ser um dos únicos quinze estudantes, de todo o mundo, a ganhar uma bolsa de iniciação científica da Nasa.

Os primeiros elefantes a pisar no solo marciano usavam trajes espaciais desenvolvidos por ele.

Marco Aurélio graduou-se em ciência da computação e em engenharia eletrônica. Resolveu tornar-se um pesquisador e seguir a vida acadêmica. Ingressou, portanto, na Universidade de Brasília onde pretendia obter o grau de mestre. Sua tese de mestrado discorreria sobre a inteligência artificial e as incríveis conseqüências da evolução técnica neste campo. Queria provar como o computador, ao tornar-se tão evoluído e complexo, podia mentir em seus dados e resultados, pelo simples e pícaro prazer de sacanear o usuário. Podia, também, para poder tirar uma folga voluntária, alegar uma falha técnica. Era a *cyber-malandragem*.

Mas a vida de Marco Aurélio sofreu uma reviravolta repentina. O governo brasileiro privatizou suas universidades públicas e a UnB foi comprada pela Disney. Não que Marco Aurélio não pudesse pagar as despesas do curso. Além de possuir uma bolsa de mestrado, seu pai era muito rico. O problema foi a biblioteca. Por ser um tradicional ponto de encontro dos estudantes, decidiram transformá-la num misto de castelo da Cinderela e área de lazer de shopping center. Claro, e também de biblioteca. Marco Aurélio já não conseguia estudar naquele lugar. Aquilo era um inferno. Quando inauguraram a pista de patinação no gelo, no subsolo, em frente aos banheiros, ao xerox e ao Mac Donald's, estudar ali tornou-se impossível. Quando alguém se esborrachava no gelo, as vaias e gritos ecoavam por toda a biblioteca. Marco Aurélio precisava tomar uma providência. Seria necessário recorrer a outros seres humanos. Que horror!

Ele encontrou os aliados ideais no grupo de estudantes de artes cênicas conhecido como *O Teatro Terrorista*. Eram recalcitrantes natos. Após elaborarem um eficiente plano estratégico, invadiram a biblioteca. Mas não deu certo. O grupo uniu-se à balbúrdia geral.

"Ih!! Caiu! Uuuuh...", gritavam à beira da pista de patinação.

Marco Aurélio entrou num conflito íntimo. Aquele grupo de protesto apenas tornara especializado todo o caos reinante. Aquilo era um paradoxo. Era como matar alguém

porque esse alguém matou alguém. Era como encher um computador com programas complexos de difícil entendimento para realizar tarefas simples. Este seria, futuramente, o tema da sua tese de doutorado, a qual entraria para história com o pomposo nome de *O Paradoxo Primordial de Marco Aurélio*.

Logo, Marco Aurélio desistiu. Entrou em depressão. Já estava preste a abandonar a vida acadêmica quando, então, numa árida segunda-feira, deparou-se, no acervo geral da biblioteca, com um conjunto de máquinas que o eletrizaram. Eram consoles de vídeo-game para realidade virtual desenvolvidos pela Silicon Graphics. Marco Aurélio escolheu um jogo de guerra na lua. Era algo sobre astronautas em luta com vacas-loucas mutantes vitimadas pelo césio-137 de Goiânia. Marco Aurélio colocou a data-roupa, as data-luvas e o data-capacete. Depois saiu com uma data-metralhadora atirando em inimigos virtuais. Corria freneticamente pelo acervo geral, gritando, derrubando mesas, livros e outros alunos.

“Ô panaca, tem gente querendo estudar!”

“Alguém joga um livrão nesse desgraçado!”

Mas não adiantava. Marco Aurélio já não ouvia. Estava no mundo da lua.

(Extraído de A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau, 1997.)

Sobre o autor:

Yuri V. Santos, nascido às quatro e quinze da matina do dia 24 de Outubro de 1971, é paulistano. Infelizmente não estudou no mesmo colégio em que estudaram próceres tais como Machado de Assis ou Guimarães Rosa, os quais, por sinal, nem paulistas eram. Mas estudou no mesmo colégio que a Ana Paula Arósio! Aliás, foi ela quem estudou no mesmo colégio que ele, posto que Yuri já era um veterano de dez anos de idade quando ela apareceu por lá. Mas tudo isto é pra dizer que, em 1975, em seu primeiro dia de aula, Yuri deu uma tremenda dentada na mão da Tia Dulce, que não cometera outro crime senão o de ser a Diretora do Jardim Escola Visconde de Sabugosa. ("Até hoje ela tem a cicatriz", ele jura.) Bom, acontece que a rebeldia do garoto para com os meios educacionais permaneceu intacta desde então. Não que ele tivesse se tornado mau aluno, coisa que nunca foi. Mas embora seu corpo sempre

comparecesse às aulas, sua mente gostava mesmo era de ir longe, aos cumes, muito além dos programas incutidos pelo MEC. (Tudo culpa da biblioteca de sua família e do Atari.)

Quando Walter, seu pai, se aposentou, Yuri mudou-se com a família para Goiânia, onde, para sua adolescente surpresa, não encontrou índios, onças e tatus andando pelas ruas, mas uma cidade que infelizmente cresce ano a ano em progressão geométrica. (Ainda bem que, nos sítios e fazendas próximas, os discos voadores sejam mais comuns que as onças...) Ainda em Goiânia, com amigos locais e de São Paulo, criou o GEMBLA: *Grupo de Excursionistas e Montanhistas Bêbados Loucos e Alucinados*, com o qual viajou para diversos Parques Nacionais, praias e cavernas do Brasil. Do centro-oeste, este futuro escritor de fato - pois já era de fato - se mandou de intercâmbio estudantil não para os esteites ou canadá, ou gringuices semelhantes, senão para o - pasme - Equador. Lá morou em duas cidades: Quito e Latacunga. Nesta última, aos 17 anos, começou a publicar crônicas e contos no principal jornal da cidade, o El Día. Também ingressou num grupo andinista - alpinismo é nos Alpes, viu - , tendo escalado, entre outros, os nevados Illiniza Norte (5100m), Rumiñahui (4850m), Corazón (4800m) e os vulcões ativos Cotopaxi (5890m), Tungurahua (5080m) e Guagua Pichincha (4910m). Estes dois últimos entraram em erupção em 1999. (Antonio Naranjo, *pai* de intercâmbio, escreveu ao Yuri: "(...) estamos sumamente preocupados por la activación de tus volcanes (...). Pero te digo que el espectáculo infernal de la erupción, los hongos que se forman luego de las explosiones, son una cosa lindísima de se mirar (...). Quisiera que tú estuvieras aquí y los vieras en persona.") Ainda no Equador, Yuri estudou espanhol e teve seu primeiro contato com os estudos filosóficos através de Bruno Gallas, o diretor italiano do Colegio Hermano Miguel, que o alertou para os perigos do panteísmo e da crença num Deus não pessoal. Também foi salvo por um terremoto que, derrubando de forma misteriosamente simbólica a pesada máquina de escrever sobre o frágil violão, tirou-lhe o destino de péssimo músico para lhe dar o de um escritor que promete.

De volta ao Brasil, como não havia faculdade de espionagem ou vampirismo - seus heróis de infância eram o 007 e o Drácula (lembra da mordida na diretora?) - Yuri resolveu que o curso de Jornalismo seria o substituto ideal... Foi o princípio de uma série de decepções. Deste curso saltou para Engenharia Civil, depois - já na Universidade de Brasília - tentou Engenharia Florestal (meros resquícios de idealismo ecológico), Letras e Artes plásticas (habilitação em Teoria, História e Crítica de Arte), sem se formar, por pura desilusão, em qualquer um deles. Concluiu apenas um curso de extensão - *Processo de criação cinematográfica* - com o "mulherengo" Nelson Pereira dos Santos, e um projeto de iniciação científica do CNPq - *Rever, reler, recriar* -, o qual tratava das releituras artísticas pelas novas tecnologias. Seu trabalho foi aprovado com louvor.

"Mas meu livro é meu diploma", afirma. Apesar de haver encontrado um ou outro professor digno de respeito, após sete anos de estudos universitários e viagens candangas, Yuri purgou-se da experiência escrevendo o livro "A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau" (1997). (Alguns dos 19 contos: O Wândolo, Memórias da Ilha do Capeta, A volta dos que não foram, Golem - o goleiro, A Vingança de Piupiu, Matando um mosquito com um tiro de canhão, Paralíticos e desintegrados, O Culturaholic, Penteu - o pentelho, Maria Eu-gênia, etc.) Daí, voltou para São Paulo onde comeu o bolo, o biscoito e o pão que o diabo amassou. ("Ainda me vingou do capeta!", ri-se.) Escreveu crônicas durante quase dois anos para a Revista *Guia da Farmácia* (mais risos), que o salvou da fome. Após completar seu "doutorado em pirações" - o mestrado foi feito no alojamento da UnB -, morando na Vila Madalena, freqüentando raves e sendo sócio de um estúdio fotográfico na Vila Olympia, o *Base 1* (com os fotógrafos Dante, Fábio Corrêa e Christian Sievers), Yuri conheceu a poeta Hilda Hilst, em 1998, com quem reside ainda hoje, fazendo as vezes de "secretário incompetente" e webmaster. Em 1999, divertiram-se paranoicamente com as ameaças de fim do mundo. Na Casa do Sol, residência da escritora, moram ainda o poeta, ex-professor de Oxford e ex-detento da Ilha do Diabo inglesa, Bruno Tolentino ("os professores me perseguem..."), o escritor espanhol José Luís Mora Fuentes e oitenta cães. "Rola cada conversa..."

Atualmente, sem os entraves da sociedade no estúdio, Yuri prepara mais dois livros. "Por enquanto vai indo bem", afirma Dostoiévski.

PS.: O autor oferece seus serviços como roteirista, cronista ou semelhantes.

Para contatos: yurivs@uol.com.br

(sites do autor: www.casadosol.cjb.net e www.angelfire.com/ri/melhor)